

Sandra  
Catarino

# OS FIOS

ROMANCE





SANDRA CATARINO

# OS FIOS

Título: *Os Fios*

© Sandra Catarino e Casa das Letras, 2018

Edição: Maria do Rosário Pedreira

Capa: Maria Manuel Lacerda / LeYa

Revisão: Madalena Escorido

Paginação: LeYa, SA

Impressão e acabamento: GUIDE – Artes Gráficas, L.<sup>da</sup>

1.<sup>a</sup> edição: Agosto de 2018

Depósito legal n.º 442 710/18

ISBN: 978-989-741-985-0

Casa das Letras

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, L.<sup>da</sup>

(Uma empresa do Grupo LeYa)

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide • Portugal

[www.casadasletras.leya.com](http://www.casadasletras.leya.com)

[www.leya.com](http://www.leya.com)

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

A autora usa a grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico de 1990.

*Aos que amo,  
em especial à Bia e ao Rodrigo*



*E o tempo sentado no limiar dos campos  
Com o seu fuso sua faca e seus novelos*

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN





# I

Puxo o fio de lã, o novelo roda sobre si próprio, ajeitando-se entre os outros, diminuindo a cada rotação, fazendo dias naquelas voltas. Puxo o fio de lã para as agulhas de ferro, faço dele uma onda azul e, no meu colo, vai nascendo um mar que hei-de coser e dar ao Samuel para ele vestir nos dias frios. O rapaz anda lá fora de volta da lenha, se calhar viu alguma cobra e deixou-a esconder-se no muro, se calhar traz um pardal junto do peito. Preciso de lhe medir os braços, por causa das mangas, Chega-te cá, Samuel. Digo outra vez porque não sei se me ouve, Chega-te cá, Samuel. Ele entra enfiado nos seus pensamentos, e eu,

Abre os braços e não te mexas. Assim, um Cristo na cruz.

Escrevo os números que lhe fazem o comprimento de uma mão à outra. Já podes ir, rapaz. Ele sai com um aceno breve da cabeça, recolhendo os braços para o corpo, metendo as mãos nos bolsos. Quando abre a porta da rua, a noite avança pela casa e começa a escurecer as coisas. São horas de parar.

Ao longe, a uma distância de seis horas de caminho, o homem de outra língua vai subindo os montes. A filha vem a dormir em cima da mula velha que ele traz à rédea, por entre sacos presos na albarda, mantas enroladas e uma caixa escura. Caminham desde que a manhã rompeu, mas começaram muito antes, quando a notícia se soube.

Partiram de madrugada, à luz dos candeeiros de rua, enquanto as pessoas e os cães dormiam. O homem fechou a porta com cuidado para que ninguém os ouvisse e puseram-se a caminho até chegarem às pedras gigantes e a esta noite. Ele traz os pés golpeados, mas as pernas continuam firmes sobre a terra. Ao seu lado, a mula inclina-se no passo lento da subida e vai espumando o seu cansaço.

Rezo. Digo baixinho as minhas orações e vou falando com Deus, agora que o sino da igreja deu as dez, e os bichos se acoitaram nos seus sítios. Sentada sobre a colcha, desfio o terço à luz da vela. Ontem os velhos mais velhos falaram que vinha aí temporal, parece-me que o vento está a engrossar; ouço as portadas a bater, e o ar da noite entra pelas frestas, assobiando por entre portas e paredes. Aconchego o xaile e retiro os ganchos. O cabelo, preso num carrapito, desmancha-se num tubo fino sobre as minhas costas e começo a escová-lo. Faço-o lentamente, já a chuva cai sobre a casa.

No lugar onde o homem caminhava, a chuva principiou mais cedo. Os pés encheram-se-lhe de lama e ficaram mais pesados, a roupa ensopou-se-lhe em minutos e, muito antes das dez badaladas, os trovões tinham acordado a menina, e ela chorara, como fazem as crianças assustadas e com sono. O homem parou, abrigou-se entre as pedras altas e as copas das árvores, secou o rosto da filha e disse-lhe palavras meigas na sua língua.

Quando a minha mãe era menina, houve uma noite assim. Uma noite em que a aldeia se fez um imenso barco de granito, e ela correu a esconder-se nas saias rodadas das mulheres da casa. A água cresceu por cima do lajedo e da terra, chegou aos beirais das janelas, entrou pelas portas, alagou os campos cultivados e arrancou árvores pelas raízes. A mãe dizia que nessa noite as nuvens traziam no seu ventre escuro um mar endiabrado que galgara as casas e lançara peixes prateados sobre a aldeia. Eu achava a ideia maravilhosa e acreditava que sim, que o mar atravessara a serra dentro de uma nuvem e caíra inteiro ali. Mas quem sabe de tudo são os velhos mais velhos.

E eles não dizem quase nada.

Só por uma vez o vinho desatou a língua ao velho Sebastião, apanhando-o apoiado no balcão da taberna. Abriu-lhe os dias da infância e pô-lo a dizer: Aquela nuvem gigante toldou a serra e assustou-nos a todos. O meu pai dormia com o sacho à cabeceira, não fosse o diabo tecê-las. A névoa era tanta que comeu os telhados às casas e daí a nada já lhes tinha levado paredes, janelas, portas e fundações. Não havia por onde andar; tudo era aquela névoa de meter medo. Nisto começou a chover como se o mundo estivesse para acabar, e bem podia ser o fim do mundo, porque a nuvem gigante se pôs a parir peixes e bichos luminosos do fundo das águas. Assim como vos digo, vi com estes que a terra há-de comer, aquela bicharada era pertença do mar. Foi assim ou não, hein, Adelino?

Mas o Adelino resmungou-lhe, Cala-te, homem, e não adiantou mais nada.

A culpa foi do Manel quando lhe disse, Venha daí, ti Sebastião, beba lá uns copos, que o coração hoje está aberto

e não paga nada. E ele foi bebendo um atrás do outro, cada copo colado ao seguinte, as mãos envolvendo o vidro sujo; o vinho a subir-lhe no sangue até as palavras virem por fora. Os homens multiplicaram-se como pães dentro dos seus olhos turvos, as pernas puseram-se-lhe fracas e dormentes. Sentou-se num dos bancos altos, levou o copo à boca e foi arrancando de si a história da grande chuva. A cabeça tapada pela boina girava numa tontura de voltas largas. O chão levantava-se em ondas sob os seus pés. Para não cair, agarrava-se com toda a força à pedra do balcão e prendia os pés nas traves do banco, enquanto discorria sobre pássaros com rabo de peixe como se estivesse a falar sozinho para se manter acordado. Os que o ouviam despejavam copos de um trago e riam-se daquelas fantasias de velho, Para o que lhe haveria de dar! O velho Sebastião perdeu o tino e endoidou! Ó homem, conte lá outra vez, o seu pai dormia com o sacho à cabeceira?

Toc, toc, toc, toc. Sem parar.

Estão a bater à minha porta. O sino deu há pouco a meia-noite. A chuva não abrandou, os raios iluminam as janelas a intervalos muito curtos, e o barulho dos trovões abana a casa. As pancadas tornam-se insistentes. Dentro de mim, um cavalo lança as patas num galope veloz, e o coração trepa-me à boca. Sento-me na cama, ganhando coragem nos pequenos gestos, levanto-me devagar e ponho o xaile pelos ombros. Depois vou até à porta da rua e pergunto,

Quem bate?

A minha voz treme sacudida pelo medo, como tremem os dentes da menina, ainda que sobre isso eu nada saiba. Repito, Quem bate?, porque a chuva abre a boca e engole as palavras que se dizem do lado de fora. Se fosse gente da terra

ouviria, Antónia, abre, sou eu, fosse lá quem fosse. Mas não é ninguém da terra, tenho a certeza. Por fim, a voz grave de um homem atravessa a espessura da madeira e faz-se ouvir num grito de aflição, *Aiuto, aiuto. Qualcuno può aiutarci?*

Abro o ferrolho e ponho a cabeça dentro da noite. Ele está ali parado com a menina encolhida nos braços, enquanto um rio lhe corre das roupas e faz poças no chão. *Scusi, signora, piove molto e mia figlia è tutta bagnata. Potrebbe accoglierci nella sua casa?*, e mostra-me a Maddalena, que tem uns três anitos, os olhos cinzentos e os lábios roxos como os lírios do meu quintal.

*Per carità, signora.*

Já o velho Sebastião acabou por adormecer em roncossonoros sobre o balcão. Mas isso foi numa noite mais antiga, muitas noites antes desta. O Manel e outro pegaram-lhe no corpo gasto e levaram-no em ombros para casa, no Fundo do Lugar. Deitaram-no sobre a cama de casal onde já só ele dormia, puxaram-lhe as botas dos pés e taparam-lhe os rins com o cobertor castanho. Ao outro dia não se lembrava de nada, olhou-se deitado e soube que tinha bebido demais, reconhecia o peso doloroso da cabeça e o hálito do vinho na boca pastosa. Quantas vezes ouvira a Aurora a ralhar-lhe, Ainda te hás-de matar! Mas foi ela quem lhe morreu assim sem mais nem menos, numa manhã de Inverno.

Atiço o lume e ajudo o homem a despirmenina daqueles trapos molhados. A Maddalena tem o corpo franzino e as costelas vêm-se à transparência da pele. Embrulho-a numa manta e enrolo-lhe os cabelos ondulados numa toalha. A ele vou buscar-lhe uma camisola de lã que tenho pronta e entrego-lha para que se troque. Viro-me e não vejo a sua magreza nua, mas adivinho-a no rosto cavado pela fome.

Preparo um chá quente e dou graças por ter chamado o Samuel ao começo da tarde. O rapaz deixou-me lenha cortada, e o calor do fogo vai trazendo a cor aos lábios da Maddalena. O homem também aquece, debruçado sobre o lume, com as mãos abertas tão perto das chamas que se poderia queimar. Fala pouco e não entendo quase nada do que diz, mas sei que é o pai da menina pelo modo como a olha.

Na rua, o vento frio dobra os ramos das árvores. Mas a trovoada vai-se afastando para os lados da serra.

Pouso a palma da mão sobre a testa da Maddalena. Sinto-a a arder e faço sinal ao homem, indicando-lhe o meu quarto. Ele pega-lhe no corpo em chamas e deita-a na cama, adormecendo-a por entre os gemidos e o delírio da febre. Ajoelha-se ao seu lado e não lhe larga os dedos pequenos, fecha-os dentro dos seus e beija-os, enquanto lhe canta baixinho, *Dormi, amore mio, dormi sul mio cuore*. Repetirá as palavras pela noite dentro, calando com elas o vento, a chuva e o medo que lhe ronda o coração. Deixo-os sozinhos e sento-me na cadeira da sala, agarro na camisola do Samuel, dou-lhe duas voltas, puxo mais fio da cesta dos novelos e continuo a tricotar, repetindo gestos como o homem repete palavras, até as brasas se apagarem e ficar tudo às escuras. Pela porta entreaberta, vejo-o curvado sobre a cama. Faz promessas na sua língua, talvez ofereça o peso da menina em cera a algum santo longínquo, molha panos em água e esfrega-lhe o corpo quente, dá-lhe de beber e continua, uma e outra vez, num murmúrio manso de ribeiro,

*Dormi, amore mio. Dormi, amore mio.*

## II

Quando cheguei ao solar das laranjeiras, já as águas lhe tinham rebentado. Foi a Clara quem me chamou, Violeta, venha depressa, traga as coisas, que chegou a hora. Fiz o saco, avisei o Joaquim e pus o xaile de lã sobre a cabeça, saindo de casa atrás dela, ouvindo-lhe o respirar ofegante no meio do vento. Não fui buscar a carroça, que o mais certo era ficar atolada na lama dos caminhos.

Em alguns sítios a água ganhara altura, arregacei a saia até aos joelhos, afundando os socos no encalço da Clara. Subimos a ladeira e chegámos ao solar. A Clara tirou a chave do bolso do avental, rodou-a no portão de ferro, e entrámos no jardim.

Dentro da casa, o primeiro som que ouço é o das botas de cano alto do senhor Jacinto, pisando o soalho do corredor para a frente e para trás, para a frente e para trás. A Clara leva-me ao quarto de casal, onde está a cama de carvalho com duas colunas retorcidas e um florão talhado na cabeceira. A dona Ana quase não se vê, encolhida debaixo dos lençóis, com as pernas dobradas e a cara escondida nas almofadas. Peço bacias de água quente e toalhas lavadas e vou até

ela. Puxo-lhe a camisa larga até ao cimo das costelas. Chego as mãos ao seu ventre redondo, sinto-lhe a forma da criança e inquieto-me com a estreiteza dos seus ossos. Está coberta de suor e o corpo revolve-se apertado nas dores do parto. Respira com dificuldade, e da boca seca, onde se abriram sulcos finos de sangue, sai-lhe um pássaro que fica a voar em círculos pelo quarto.

Gemendo.

A Clara trouxe tudo o que lhe pedi. Faz-se mais crescida do que é e mantém-se junto à cabeceira da sua senhora. Prestável e dedicada. Limpa-lhe o rosto transpirado, dá-lhe a mão e deixa que esta lha cinja a cada guinada do corpo, magoando-a nos dedos. Está assustada, mas não dá parte de fraca. Por momentos, recua aos anos mais ternos, deita a cabeça no colo da avó velha, à procura de festas. Um conforto para se ter forte e não lhe falharem as pernas. Mas tudo é breve, porque a noite tem muito ruído e são as mãos desesperadas da senhora que a apertam de novo, enquanto um grito enorme bate nas paredes e o corpo se rasga por dentro.

Uma lâmina aguçada a cortá-lo ao meio.

Digo-lhe que falta pouco, que já vejo a cabeça do bebé, que é o momento de fazer força; e a senhora obedece, arqueando-se exausta. Os ossos alargam-se para além do possível, os olhos enchem-se-lhe de lágrimas correndo em veios sobre o rosto, e a minha voz repete-se num eco continuado que o quarto devolve, Força, força. O bebé abre o seu caminho, primeiro a cabeça, depois um ombro, o outro e o resto do corpo a nascer vivo e escorregadio dentro das minhas mãos.



Porém, no céu, apontam-se setas ao peito da senhora.

Seguro a menina e sinto-lhe o pulsar novo do coração, como um caule que fura a terra e começa a crescer. Corto-lhe o cordão, limpo-a, embrulho-a num pano de algodão e deito-a nos braços da mãe. A senhora recebe-a junto a si, inclina o rosto sobre ela e diz-lhe, com a voz esgotada,

Celeste, minha Celeste.

Chama-a pelo nome para que exista, beija-a a soprar-lhe vida, a sua vida. O ventre volta a contorcer-se e esvazia-se. Recolho tudo para uma das bacias, mas depois não consigo estancar o sangue. Um rio cheio corre por entre as pernas da senhora e espraia-se pela cama, pingando no chão. E, logo ali, sei que a vou perder.

O pássaro recolhe as asas e cala o seu piar agudo. No silêncio que fica, ouve-se o som metálico da tesoura sobre o fio, e é o fim.

Sinto muito, sinto muito. O senhor entra no quarto de cabeça perdida e agarra-se ao corpo morto da mulher. Não a consegue largar, diz-lhe, Acorda, Ana, acorda, meu amor. Passa-lhe as mãos pelo rosto, alisa-lhe os cabelos e chama-a para si como se ela tivesse os olhos abertos e lhe dissesse, Segura-me por dentro dos pulsos e beija-me, lembraste do nosso primeiro beijo?

Olho para ele e penso nas palavras. Poderia dizer-lhe, Não pude fazer nada, poderia dizer-lhe, Havia um pássaro a voar em círculos sobre nós; mas escolho tocar-lhe nos ombros e dizer-lhe, Foi a vontade de Deus.

A gente não sabe para o que está.

A Clara pega na Celeste e leva-a para fora do quarto, fá-lo com muito cuidado como faz com as chávenas de porcelana, porque a sabe frágil e tem medo de a partir. Aconchega-a ao seio pequeno e canta-lhe baixinho com a voz entrecortada pela tristeza. Decido acompanhá-la porque não sei confortar o senhor, porque o ouço, Beijei-te sobre a pedra grande e tu eras só minha, porque o ouço, Não me deixes, Ana, e não há nada que eu possa fazer. Deitamos a Celeste na cama e vestimos-lhe o cueiro branco que tem uma borboleta bordada. A Clara conta-me dos serões da senhora, sentada à lareira, com o bastidor, as agulhas e o cesto das linhas, criando um mundo novo de animais e flores. Por vezes, perdia as horas e entrava pela madrugada. O sino a avisar. Ela ainda de roda de uma pétala, querendo terminá-la a todo o custo, como se soubesse que o tempo lhe faltaria. Por vezes, deixava-se adormecer, e o senhor levava-a nos braços para a cama.

Nunca hei-de esquecer, nunca hei-de esquecer, diz a Clara com os olhos raiados de tanto lembrar.

Também eu choro esta noite, mesmo quando peço em voz baixa, Não chores mais, Clara. Não lhe digo que o tempo cura tudo, porque já vivi o suficiente para saber que o tempo, às vezes, não cura nada, que fingimos acreditar nessa mentira até ao dia, depois de muitos dias, depois de muitos anos, em que abrimos uma gaveta e umas botinhas de lã nos comovem até às lágrimas. A Clara vai desfiando o seu rosário de lembranças, cada palavra dita com a voz sumida da saudade, Era linda a minha senhora, havia de a ver com o cabelo solto pelas costas, parecia uma santa de altar. Por vezes, enquanto lho lavava, a senhora dizia-me, sorrindo, que não poderia passar

sem mim. Mas sou eu que não sei passar sem ela, sobretudo agora, que nasceu a Celeste.

Tenho medo, Violeta, nunca cuidei de bebês.

Olho para a menina deitada na cama, toco na borboleta bordada na sua roupinha, sinto-lhe o relevo e adivinho-lhe a espera até pousar no corpo da Celeste, como num ramo tenro.

Tenho medo, Violeta, nunca cuidei de bebês.

O senhor também tem medo, da dor que o come e lhe esmaga o corpo, da náusea que o fez vomitar no chão onde ainda estão as bacias do parto, da manhã que irá nascer e de todos os dias de sol que hão-de vir. Chora e grita. Os seus gritos tornam-se uivos que lança contra a morte, Beijei-te ao pé das pedras, o corpo a ser lobo, um lobo feroz e enlouquecido que arranca pelo corredor, desce a escadaria e atira com a porta da rua. Lá fora a chuva continua a cair. O lobo avança, abrindo trilhos na água até à cameleira centenária, e arromba a porta da adega com a força bruta do seu desespero. Derriba os cântaros, as garrafas de vidro, as pipas, as enxadas, os sachos, as tesouras de poda até encontrar o machado de cortar lenha. Da janela vejo-o caminhar à luz da candeia e sigo-lhe o rasto luminoso. O lobo está pronto para atacar, pega no machado e desfere o primeiro golpe, depois não pára mais. Aponta a lâmina a todas as árvores do pomar, abrindo-lhes rasgos nos troncos até as fazer cair mortas no chão. No fim, deixa-se ficar deitado, entre os ramos quebrados e as laranjas, com o corpo torcido e os dentes arreganhados.

Se pudesse, havia de abocanhar o céu inteiro, com a Lua e todas as estrelas.